

PAGNI, PEDRO ÂNGELO. *EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, FORMAÇÃO HUMANA E ARTE DE VIVER: DESAFIOS FILOSÓFICOS À EDUCAÇÃO ESCOLAR.* SÃO PAULO: EDIÇÕES LOYOLA, 2014.

Jonas Rangel ALMEIDA¹

Pedro Ângelo Pagni é professor livre-docente do Departamento de Administração e Supervisão e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (FFC-UNESP) campus de Marília. Graduiu-se em Educação Física pela UNESP (1987); possui mestrado em História e Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo com a dissertação intitulada Fernando de Azevedo educador do corpo (1994); e, doutorado pela UNESP com a tese chamada Do Manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira (1999). Recentemente alcançou a livre-docência em Filosofia da Educação (2011) pela UNESP de Marília.

Pagni é autor de livros, bem como de inúmeros ensaios e artigos em revistas científicas. Dentre essas produções podemos destacar seu livro Anísio Teixeira - Experiência reflexiva e projeto democrático: a atualidade de uma filosofia da educação (2008). E algumas organizações coletivas com os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Filosofia (GEPEF); o livro Experiência, Educação e Contemporaneidade (2011), organizada, conjuntamente, com Rodrigo Peloso Gelamo; e, a coletânea Biopolítica, Arte de Viver e Educação (2012) em colaboração com Sinésio Ferraz Bueno e Rodrigo Peloso Gelamo.

A obra intitulada Experiência estética, formação humana e arte de viver: desafios filosóficos à educação escolar (2014), publicada pela Edições Loyola é um percurso intelectual inacabado. Apesar disso, Pagni procura elucidar desde o interior do campo da Filosofia da Educação os pressupostos, as principais noções e formulações que o acompanharam durante vinte anos de pesquisa na área. O livro se dirige para um público leitor interessado em questões que permeiam desde a formação da filosofia moderna e contemporânea, até as fundações do pensamento educacional moderno. Constitui uma leitura desafiadora para estudantes, professores de filosofia e de sociologia do ensino médio, mas, principalmente para pesquisadores, filósofos e gestores da Educação.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Unesp de Marília. Endereço eletrônico: jradavisao@gmail.com

Apesar da variedade de conceitos e abordagens uma leitura atenta nos mostra que existem alguns eixos de problematização que garantem a unidade temática da obra. Pagni (2014) retoma os cantos da experiência – acepção assumidamente proveniente de Martin Jay - fazendo ressoar seus ecos na constituição da formação humana e do ideal moderno de educação procurando analisar como esse fora apropriado pela arte de governo pedagógica na escola atual.

O livro está dividido em nove capítulos que discutem subsequentemente: a gênese da ideia de formação na modernidade nas figuras de Kant, Hegel, Goethe, Schiller, depois, as críticas ao ideal de ensino e formação enunciada por Nietzsche; perpassa as diferentes recepções da “estética kantiana” e da “ciência da experiência da consciência” hegeliana, por intermédio, de algumas das principais contribuições da filosofia do século XX ao problema da experiência formativa, especialmente, nos pensamentos de Dewey, Arendt, Adorno. E culmina em uma retomada do projeto de Nietzsche, particularmente pelo viés da filosofia da diferença de Lyotard, Deleuze e principalmente Foucault.

Pagni (2014) reconstitui o limiar da noção de formação humana na modernidade como *Bildung e Imago* formulada pelos filósofos iluministas, literatos do romantismo e os pensadores da educação moderna. Desse modo, enfatiza como essa noção de formação humana se fundamentou em um discurso de verdade assentado sobre a ideia de sujeito universal, centralizador e organizador da consciência sempre idêntico a si mesmo. Mostra-nos as críticas a esse ideal formativo na filosofia contemporânea que suspeitam que o discurso centralizado no sujeito se corrompeu desde seu interior convertendo-se na própria astúcia estratégica de uma racionalidade instrumental e governamental.

Inspirado nas reflexões de Benjamin e Agamben, Pagni (2014), inicia seu texto dizendo que vivemos na época “do empobrecimento da experiência”. A situação no mundo contemporâneo é de supressão de características imanentes da experiência como a paixão e a sensibilidade ao fenômeno empírico, sua redução ao que pode ser reproduzido e repetido. A experiência se apresenta hoje como uma restrição do pensamento ao conhecimento científico, beneficiando o saber-fazer em detrimento do saber-expressar. A experiência concorre para a normalização dos indivíduos. É a conversão da “arte pedagógica” em tecnologia de governo pedagógica. Neste movimento, Pagni (2014), discute, principalmente, a partir, do diagnóstico de Foucault, a assunção da biopolítica, isto é, do processo destituição da vida em decorrência, da entrada do ser vivo, considerado como espécie aos cálculos do poder Estatal. Uma biopolítica que instaura um controle da vida cujos objetos de intervenção e governança são, de um lado, a população, de outro, o governo da infância.

Todavia, esse quadro não deve ser entendido como uma dominação absoluta. O objetivo de Pagni (2014) ao examinar esse diagnóstico de destruição da experiência e controle da vida é mostrar como ele desafia os educadores na atualidade a retomar a noção de formação humana, não mais sob um olhar estritamente epistemologizante,

moralizante e tecnicizante, mas, na perspectiva de uma estética da existência e do acontecimento. Nem uma teoria do sujeito, tampouco, um apelo à filosofia da consciência, ou, ao progresso da técnica. Para encontrar elementos de resistências ao existente Pagni (2014) reporta três noções. A primeira provém de Lyotard e da analítica do sublime que lhe permite pensar a infância, para além dos dispositivos de governo, no que ela guarda como uma experiência inefável e imprevisível. Segundo, a noção de acontecimento em Deleuze como arte da superfície, nem as alturas do idealismo, nem nas profundidades do positivismo, mas, como uma ontologia das multiplicidades. E em terceiro lugar, elementos de uma estilística da existência inspirada nas últimas reflexões de Foucault sobre a Antiguidade grega e romana. Uma prática de governo de si mesmo, revestida de coragem e franqueza que concorra para uma tomada de atitude ética diante da vida, por parte dos educadores imersos na racionalidade de governo pedagógica e uma atenção aos acontecimentos que nos constituem no campo de forças da vida, da verdade e da experiência.

REFERÊNCIAS

- BUENO, S.F; GELAMO, R. P; PAGNI, P.A (orgs). *Biopolítica, arte de viver e educação*. Marília: Oficina universitária; São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.
- GELAMO, R. P; PAGNI, P.A (orgs). *Experiência, educação e contemporaneidade*. Marília: Poiesis: Oficina universitária; São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.
- PAGNI, P. A. Anísio Teixeira: *experiência reflexiva e projeto democrático* – a atualidade de uma filosofia de educação. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PAGNI, P. A. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2000.
- PAGNI, P. A. *Experiência estética, formação humana e arte de viver: desafios filosóficos à educação escolar*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

Enviado em: 24/07/2015.

Aprovado em: 27/11/2015.

